

JACK HIGGINS

**O REI
EM LISBOA**

JACK HIGGINS

**O REI
EM LISBOA**

Tradução de
Paulo Mendes

alma
dos
livros

*Para a minha filha, Sarah,
como eu, uma romântica assumida...*

Prólogo

Em julho de 1940, Walter Schellenberg, *Brigadeführer* das SS e major-general da polícia, recebeu ordens de Hitler para se encaminhar para Lisboa e raptar o duque e a duquesa de Windsor, na altura alojados numa mansão no Estoril, depois de terem fugido à ocupação alemã de França. A presente história é uma tentativa de recriar os acontecimentos que rodearam esse episódio surpreendente. Na sua maioria, é composta por factos históricos documentados, apesar de determinadas secções serem obviamente ficcionais. A pessoa que sai com mais mérito de todo este caso invulgar é o próprio duque de Windsor. Por conseguinte, este livro é um tributo a um cavalheiro valente e honroso.

LISBOA
1940

1

Pouco depois da meia-noite, começara a chover. O jovem polícia português trouxe uma capa da sua guarita e, sem dizer palavra, colocou-lha aos ombros.

Fazia muito frio, e ela deu alguns passos pelo caminho para não arrefecer, detendo-se para se voltar em direção à foz do Tejo, onde as luzes de Lisboa reluziam à distância.

O caminho tinha sido longo. Não era tão longe como Berlim ou Paris ou Madrid, mas agora estava ali, finalmente, à porta da mansão de estuque cor-de-rosa no Estoril. Era o final, estava mais cansada do que nunca e, subitamente, desejou que tudo terminasse.

Caminhou novamente até ao polícia do portão.

– Desculpe – disse em inglês –, quanto tempo falta? Estou aqui há quase uma hora.

Era uma tolice, porque o polícia não a percebia.

Ouviu-se um carro a subir o monte, com os faróis a iluminarem os arbustos de mimosas, e um *Mercedes* preto travou a poucos metros de distância.

O homem que saiu do banco traseiro era grande e entroncado. Não trazia chapéu, usava óculos e tinha as mãos enfiadas nos bolsos de uma gabardina escura.

Disse umas breves palavras em português ao polícia e depois voltou-se para a jovem. O seu inglês era irrepreensível.

– Menina Winter, não é? Menina Hannah Winter?

– Sim, sou eu.

– Posso ver o seu passaporte?

Ela apresentou-o apressadamente, com movimentos das mãos atrapalhados devido ao frio, que lhe fizeram cair a capa dos ombros. O homem recompôs-lhe delicadamente a capa e pegou no passaporte.

– Portanto... uma cidadã americana.

– Por favor – exclamou ela, poisando-lhe uma mão no braço.

– Tenho de ver o duque. É um assunto da maior urgência.

O homem fitou-a calmamente por um instante e, em seguida, acenou com a cabeça para o polícia, que começou a abrir o portão. O automóvel avançou. Abriu a porta do carro e esperou que ela entrasse. Seguiu-a.

Numa explosão repentina de potência, o *Mercedes* avançou de rompante, com o motorista a fazer girar o volante, descrevendo um círculo e levando-os monte abaixo em direção a Lisboa.

Como tinha sido projetada para um canto, o homem puxou-a com brusquidão até ficar sentada e ligou a luz. Ainda tinha o passaporte na mão.

– Hannah Winter, cidadã americana? Não me parece. – Rasgou-o e atirou-o para um canto. – Para mim, isto seria uma descrição muito mais correta.

O passaporte que lhe depositou nas mãos era alemão. Ela abriu-o com um horror fascinado. Estava perante a sua própria fotografia.

– Fräulein Hannah Winter – exclamou ele. – Nascida em Berlim a 9 de novembro de 1918. Nega que isto seja verdade?

Ela fechou o passaporte e entregou-lho, debatendo-se para controlar o pânico.

– Chamo-me Hannah Winter, mas sou uma cidadã americana. A embaixada dos Estados Unidos pode confirmá-lo.

– O Reich não reconhece aos seus cidadãos o direito de mudarem de nacionalidade consoante as suas tendências. A menina nasceu alemã. Estou confiante de que morrerá alemã.

As ruas estavam desertas e eles iam tão depressa que já estavam na cidade, a descer em direção ao rio.

– Lisboa é uma cidade interessante – comentou o homem. – Para entrar em qualquer embaixada estrangeira é preciso passar por um posto de controlo da polícia portuguesa. Por isso, mesmo que tivesse tentado entrar na embaixada da Grã-Bretanha ou dos Estados Unidos, tê-la-íamos detido na mesma.

Ela retorquiui:

– Não percebo. Quando pedi para entrar, o senhor que estava ao portão disse que tinha de confirmar com a sede.

– É simples. A polícia portuguesa aceitou um mandado de extradição contra Hannah Winter por acusação de homicídio – triplo homicídio. Na verdade, aceitaram dar prioridade ao assunto.

– Mas os senhores... não são da polícia.

– Somos, pois. Não da portuguesa, mas de algo bastante mais interessante. – O homem estava agora a falar em alemão. – *Sturmbannführer* Kleiber da sede da Gestapo, em Berlim. O meu colega, *Sturmscharführer* Gunter Sindermann.

A situação parecia tirada de um pesadelo. No entanto, o cansaço que a jovem sentia era tão avassalador que já nada lhe parecia importar.

– O que vai acontecer agora? – perguntou ela, apática.

Kleiber desligou a luz, pelo que mergulharam novamente na escuridão.

– Ah, vamos levá-la para casa – respondeu. – De volta a Berlim. Não se preocupe. Vamos tomar bem conta de si.

Tinha-lhe posto a mão na perna, fazendo-a deslizar pelos *collants* de seda acima até à coxa.

Foi o seu maior erro, pois a repulsa causada pelo ato galvanizou-a, reanimando-a. A rapariga tateou em busca do puxador da porta, sustentando a respiração enquanto as mãos dele iam subindo. O *Mercedes* abrandou para deixar passar uma carroça de transporte de água. Ela empurrou Kleiber com toda a força, abriu a porta e atirou-se para o escuro, perdendo depois o equilíbrio e rolando duas vezes.

O efeito do embate foi considerável e, quando se levantou, teve de se apoiar um instante contra a parede. O *Mercedes* tinha parado um pouco mais à frente e começou a fazer marcha-atrás. Ela perdera um dos sapatos, mas não havia nada a fazer. Sacudiu o outro sapato para o chão, enfiou-se no beco mais próximo e começou a correr.

Alguns instantes depois, foi dar à beira-rio. Ainda chovia muito e um nevoeiro considerável avançava do Tejo. Os candeeiros eram escassos. Não parecia haver lojas nem casas, apenas armazéns altos e sombrios que se erguiam na noite.

À medida que o nevoeiro a envolvia, era como se fosse a única pessoa no mundo. Então, ouviu o ruído dos seus perseguidores a ecoar nas paredes do beco atrás de si.

Começou a correr novamente, em silêncio, com os pés apenas cobertos pelos *collants*. Tinha frio, tanto frio. Foi então que surgiu uma luz ténue no nevoeiro, do outro lado da rua, virada para o rio. Um néon encarnado dizia «Joe Jackson's» e, por baixo, «Bar Americano».

Hannah aproximou-se apressadamente, num último fôlego de esperança, mas não havia luz no interior e as portas de vidro estavam trancadas. Sacudiu-as com violência, na sua fúria impotente.

Havia um atracadouro na zona lateral do edifício, onde outra porta com uma luz por cima dizia «Artistas». Tentou abri-la também, dando-lhe murros com força. Nesse momento, Kleiber dobrou a esquina, com uma *Luger* na mão esquerda.

– Já te dou uma lição – murmurou Kleiber. – Sua cabra judia.

Enquanto Sindermann também se aproximava, a rapariga voltou-se e correu ao longo do embarcadouro, embrenhando-se no nevoeiro.

Joe Jackson tinha cabelo escuro e ondulado, um rosto pálido, olhos castanhos esverdeados e um trejeito leve, irónico, que lhe parecia erguer permanentemente o canto da boca. Era o sorriso desgastado, distante, de um homem a quem a vida se revelara mais corrupta do que esperara.

Estava sempre fechado às segundas-feiras. Por um lado, era uma noite de folga para todos, e, por outro, havia poucos clientes ao início da semana. Assim, tinha uma oportunidade para se dedicar à contabilidade em paz e sossego. Era isso que fazia quando Hannah sacudiu pela primeira vez a porta principal.

Um bêbado, pensou, *à procura de mais um copo*, e regressou às suas contas. Um instante depois, ouviu-a na porta lateral. Sentiu um murmúrio de vozes e, em seguida, ouviu um grito agudo. Abriu a gaveta direita da secretária, tirou uma *Browning* automática, levantou-se e saiu à pressa do escritório.

Trazia vestida uma camisola azul-escura e calças escuras. Era um homem baixo, de 1,65 metros ou pouco mais, com ombros fortes.

Destrancou a entrada dos artistas e ficou à escura. Ouviu-se um grito abafado vindo de um pouco mais à frente, no cais. Avançou, sem pressas, em passos silenciosos, de sandálias com sola de corda.

Havia um poste de iluminação na extremidade do embarcadouro. Sob a sua luz, vislumbrou Hannah Winter deitada no chão. Sindermann estava debruçado sobre o corpo dela. Por cima deles, Kleiber ainda empunhava a *Luger*.

– Agora, menina Winter – declarou em inglês. – Vou dar-lhe uma lição de boas maneiras.

– Não me parece – replicou Jackson em voz baixa.

Jackson disparou um tiro contra o antebraço esquerdo de Kleiber, projetando-o contra o parapeito. A *Luger* mergulhou nas águas escuras por baixo deles.

Kleiber manteve-se em silêncio. Ficou simplesmente ali, agarrado ao braço, à espera do que se seguiria.

Hannah Winter, ainda presa sob o peso de Sindermann, olhava inexpressivamente para Jackson, que tocou na nuca do alemão com o cano da *Browning*.

Sindermann levantou-se e ergueu as mãos. O seu rosto não demonstrava medo, apenas uma fúria de ressentimento. Jackson ajudou a rapariga a pôr-se de pé. Por um mero instante, descontentou-se quando ela tombou sobre ele. Sindermann mergulhou de cabeça contra ambos.

Jackson rodou a rapariga para o lado e esticou uma perna. Sindermann tropeçou e seguiu de cabeça por cima do parapeito. Ouviram-no a debater-se na água.

Já com um braço sobre ela novamente, Jackson perguntou:

– Está bem?

– Agora estou – respondeu a rapariga.

Jackson fez um gesto com a *Browning* em direção a Kleiber, que aguardava de pé, com o sangue a escorrer-lhe entre os dedos.

– E este tipo?

– Deixe-o ir.

– Não chamo a polícia?

– Não é um assunto de polícia – retorquiu ela, combalida.